

COMUNICAÇÃO E TRABALHO: CONTRIBUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA/ERGOLÓGICA ÀS PESQUISAS DE COMUNICAÇÃO

Roseli Figaro
Profa. Dra. no Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP,
coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Trabalho
www.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho
comunicacaoetrabalho@eca.usp.br

Resumo: As teorias de comunicação foram formuladas, no século XX, no contexto das idéias de fluxo de informação, orientadas pelo progresso tecnológico e similar aos organismos biológicos; e nos parâmetros da crítica à sociedade de massas e à reprodutibilidade técnica. Formulações que só podem ser compreendidas no contexto mais geral das mudanças que se operaram no decorrer do período, com a organização das grandes cidades e das transformações no processo produtivo. Estas concepções teóricas são similares à linearidade do modelo taylorista de organização do trabalho. Diante dos limites dessas correntes teóricas para a atualidade, apresentamos a formulação da abordagem ergológica de atividade humana, como capaz de nos oferecer uma alternativa mais ampla para compreendermos a importância da comunicação; bem como adequada para nos fazer ver a relevância do binômio comunicação e trabalho.

Palavras-chave: comunicação e trabalho; atividade, mídias, teoria da comunicação, ergologia

Introdução

Por que unir, dando forma a um binômio, os conceitos de comunicação e de trabalho? Qual a ligação entre eles e a pertinência de problematizá-los conjuntamente?

O que faz do homem um ser de comunicação? Esta questão, na verdade, é a fundadora das anteriores. E, dependendo da explicação que se dê a ela, torna-se pertinente, ou não, pensar no binômio comunicação e trabalho.

Este ensaio pretende discutir o binômio comunicação e trabalho na perspectiva da abordagem ergológica. Inicialmente, propomos uma reflexão sobre as teorias de comunicação, tendo como pano de fundo o trabalho industrial e o modelo taylorista de organização do trabalho. A seguir, discutimos o conceito de trabalho, mostrando quanto ele pode ser ampliado se o analisarmos a partir da atividade humana. Em seguida, tratamos do binômio comunicação e trabalho tendo-o por unidade que nos permite problematizar o papel da comunicação nas relações inter-pessoais, nas organizações, e no conjunto da sociedade contemporânea. Finalmente, discutimos as possibilidades

teóricas e empíricas que se abrem para os Estudos de Recepção ao adotarmos o referencial da Ergologia.

Comunicação e Trabalho: um terreno de estudos em construção

As teorias sobre a comunicação apareceram ao longo do século XX, notadamente após a Segunda Grande Guerra, como exigência explicativa das mudanças profundas na vida cultural advindas da presença dos meios tecnológicos de comunicação.

O telégrafo, o telefone, a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão são produções do final do século XIX e da primeira metade do século XX. Estas invenções foram impulsionadas pela acumulação de capital, pelo crescimento das cidades, pelo modo de vida urbano, pela expansão da imprensa e pela industrialização.

Com as máquinas de comunicar, o homem redimensionou o mundo de maneira a transgredir as noções pré-estabelecidas de tempo e de espaço. O conceito de comunicação foi potencializado com os sentidos de mobilidade, transporte, ligação, troca, transmissão, contato, fluxo, dando origem a diversas correntes que teorizaram sobre a cultura emergente e as funções dos meios de comunicação.

Contribuições efetivas foram produzidas nesse campo desde o físico Evin Bauer e o biólogo L. Von Bertalanffy, entre os anos 20 e 30 do século XX, com a teoria dos sistemas. Depois pelos matemáticos Claude Shannon e Warren Weaver com a publicação, em 1948, de Teoria Matemática da Informação; bem como de Norbert Wiener definidor de Cibernética como comunicação e controle entre máquinas e homens (1948).

Simultaneamente, tivemos as contribuições, na área das ciências humanas, de Harold Lasswell, nos anos 40, cujo programa de pesquisa definiu-se a partir das perguntas: quem?, diz o quê? como? a quem? com que efeitos? Depois Paul Lazarsfeld se dedicou a pesquisas de opinião, sendo precursor dos medidores de audiência. Eles fizeram escola e toda uma corrente de teóricos (Katz, Merton, Berelson, Wright) desenvolveu pesquisas a partir da concepção de função e efeitos dos meios de comunicação. Os teóricos da Escola Funcionalista mostraram com suas pesquisas que os meios de comunicação fazem o agendamento dos temas de discussão na sociedade. Avançaram das primeiras noções de agulha hipodérmica e behaviorista da comunicação direta e individualizada, para a noção dos líderes de opinião e do agendamento de temas.

Nos anos 60, o deslumbramento da sociedade com a televisão e as novas possibilidades de produção da imagem influenciaram teóricos como Marshall McLuhan, criador da metáfora da *aldeia global* e da concepção de que os *meios são a mensagem*. De certa maneira, na atualidade, os teóricos da cibercultura e do pós-humano dão continuidade a essa visão do privilégio das tecnologias em relação ao ser humano.

Foi na Alemanha que apareceu uma corrente de pensamento crítica aos meios de comunicação. Organizou-se, em 1923, em Frankfurt, o Instituto de Pesquisa Social. Em 1931, o Instituto passou à direção de Max Horkheimer e a ser conhecido como a Escola de Frankfurt. Os intelectuais que ali se organizaram discutiam os conceitos de indústria cultural, de manipulação e de poder (In: *Dialética do Iluminismo*, 1947) com base na crítica à produção capitalista dos meios de difusão cultural, ou seja, ao uso dos aparelhos e das técnicas de produção e transmissão, orientados pela lógica da reprodução técnica, da massificação e da banalização da cultura e da arte: fotografia, cinema, rádio. É incontestável a contribuição dos pensadores dessa corrente, expressivamente, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin. Este último introduziu uma variante crítica ao conceito de indústria cultural (*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*), cuja formulação permite separar a lógica da mercadoria da técnica de reprodução do bem cultural. J. Habermas é tido como o herdeiro da Escola de Frankfurt. Ele fez a crítica ao declínio do espaço público, tomado pela lógica do mercado, e desenvolveu conceitos polêmicos como razão comunicativa e ação comunicativa. A Teoria Crítica contribuiu para a análise macro-social crítica da sociedade moderna, inserindo o estudo dos meios de comunicação no cenário da história das relações sociais.

Essas correntes teóricas, de onde saíram diferentes tendências, desenvolveram suas análises tendo como pano de fundo as mudanças trazidas pela introdução de novas tecnologias na produção de bens materiais e culturais. Tais mudanças alteraram a face do mundo do trabalho e deram origem à sociedade industrial. O trabalho industrial, a vida urbana, a formação de grandes cidades, a produção em larga escala para o consumo de massa embasaram as propostas teóricas sobre a Comunicação. A organização científica do trabalho, os métodos de medição do ritmo de execução de tarefas e da capacidade de produção do operário, introduzidos por F. Taylor e, adaptados por H. Ford, na primeira metade do século XX, tinham como finalidades a eficácia do fluxo e

da transmissão na linha de produção. Ponto de vista também presente nas análises da Comunicação.

Se fizermos um paralelo entre o pressuposto taylorista sobre o trabalho e as Teorias de Comunicação, verificaremos que ambos partem de conceitos similares sobre o sujeito. Na linha de produção existe um indivíduo. Aquele que executa a operação mensurada e padronizada por um outro. Para o Taylorismo a história pessoal, os valores, a cultura do indivíduo não interessa ao trabalho, eles devem ser obliterados. As operações mecanizadas devem interditar o pensamento. O homem é um operador. Para as Teorias de Comunicação, advindas das correntes teóricas acima descritas, o mesmo acontece. O fluxo de informação, o canal e o código são prioritários em relação aos sujeitos, tomados individualmente e separadamente de seu contexto sócio-histórico; ou então como massa incapaz de atitude crítica. O indivíduo tomado como massa ou como corpo biológico que responde a estímulos não pensa por si, é manipulado pelo poder que emana dos meios de comunicação.

A origem desse pensamento faz parte de uma tradição teórica. E está presente ainda hoje quando se trata de comunicação e de trabalho.

O trabalho, ao longo da história, sempre foi visto pelo pensamento hegemônico de maneira pejorativa, como um mal necessário. Origem de desvalorização e de estigma de lugar social. Na *República* de Platão a sociedade ideal é representada sem o escravo, pois, este não era tido como ser de sociedade. Na hierarquia social da *República* perfeita o topo da pirâmide é reservado ao *filósofo* e a base ao *artesão*, portador de um saber de ofício. Não existe o termo *trabalho* para designar a atividade dos que fazem parte da *República*.

No século XIX, formou-se uma corrente de pensamento que viu o trabalho de um ponto de vista diferente. Marx e Engels deixaram uma produção teórica ímpar na abordagem do trabalho como o maior valor da sociedade. Observaram a História a partir deste conceito e nos deram uma visão completamente diferenciada sobre o trabalho e o trabalhador, inserindo-os como motor da luta de classes. O trabalho produz a riqueza apropriada por poucos. O capitalismo é o ápice da concentração de riquezas. O homem que trabalha é extorquido de seu produto, recebendo por ele, somente os meios que lhe permitirão a reprodução de sua sobrevivência. O ser que trabalha, apartado dos bens que produz, apartado da racionalidade dos instrumentos e das máquinas que passaram a portar a síntese do ato, da força e do saber, é analisado como um ser alienado de si mesmo. Muito embora, somente a ação consciente e organizada desses mesmos seres de

trabalho possa mudar o rumo da exploração. Marx aproximou antropologia e sociologia para formular sua concepção de materialismo histórico, a partir da qual o trabalho é analisado no percurso da história da humanidade, é o trabalho que cria técnicas e meios de produção impulsionando as mudanças nas relações sociais.

No entanto, não é essa a concepção preponderante de trabalho. O trabalho só merece atenção quando expressa o produto, a técnica ou a tecnologia. Deixa de ser relevante quando cria a prótese e potencializa o instrumento, a ferramenta, ou seja, quando instrumento e técnicas se sobrepõem. Trabalho e técnica são dissociados. Tal dissociação obscurece a presença indispensável da atividade humana, fato que pode ser a origem de interpretações tecnicistas do processo de comunicação.

Nos anos 90, diversas correntes teóricas, ao analisarem a globalização dos fluxos de capitais, as novas tecnologias de informação e comunicação e a nova divisão internacional dos mercados, discutiam e propunham a temática do fim do trabalho. Ao mesmo tempo, retomavam como fundamento desse debate formulações sobre a comunicação que nos remeteram aos teóricos do início do século XX, para os quais a comunicação é funcionamento tecnológico e técnico. Desse ponto de vista, as proposições sobre o futuro da sociedade são simplificadas em fórmulas de catástrofes, ou por meio de metáforas, tais como matrix, ciborg, pós-humano, entre outras. Continua-se, portanto, a não compreender o binômio comunicação e trabalho – atitude justificada com a retórica do anti-determinismo econômico – e, ao assim se proceder, menospreza-se o processo de comunicação.

Mas o que faz do homem um ser de comunicação?

Responder a esta questão demanda nos posicionarmos contrariamente às abordagens de comunicação apenas como sinônimo de troca de informações, sejam elas de quaisquer tipos: energia, bits, luz, líquidos, alimentação, sinais (concepção da engenharia, da biologia, da bioquímica, da medicina, da física, etc.). A Comunicação como área pluridisciplinar, atravessada pelas ciências, é um campo eminentemente do simbólico. Diz respeito às relações entre sujeitos e subjetividades, numa sociedade complexa e tecnológica.

No entanto, o reducionismo do simbólico à linguagem verbal como estrutura autônoma também pode nos levar a incompreensão.

O Estruturalismo, corrente teórica influenciada pela Semiologia, deslocou o estudo da comunicação para a análise da estrutura dos signos. A língua, a partir de

Ferdinand de Saussure, fundador da Linguística, é um objeto de estudo e como tal portadora da estrutura e da organização da comunicação humana específica e superior em relação aos outros animais. Para os primeiros semiólogos, herdeiros de Saussure, a estruturação e o funcionamento da língua é o que interessa à semiologia. A língua foi tomada como objeto de estudo em sua sincronia. A fala, ou seja, o uso da língua por seus falantes, e a diacronia foram elementos inicialmente descartados pelos lingüistas. A mensagem passou ao centro das análises. O interesse era o de saber como o texto se estruturava internamente e de maneira autônoma para expressar o fato. Um texto deveria poder ser descrito sem referências às intenções de seu autor, sem referências sociais ou históricas senão àquelas já presentes no próprio texto.

Roland Barthes, Roman Jakobson, Umberto Eco são alguns dos grandes nomes que deram vida aos diferentes matizes teóricos originados a partir do Estruturalismo. Louis Althusser e Herbert Marcuse influenciaram toda uma geração aproximando o Estruturalismo aos conceitos marxistas e à obra de Freud. A Análise do Discurso de linha francesa nasceu desse encontro. Foi a Análise do Discurso, a partir de Michel Pêcheux e, depois, com a influência da obra de Mikhail Bakhtin, que recolocou a história e o sujeito na abordagem do texto, entendendo-o como discurso. Essa corrente teórica teve desenvolvimento importante no Brasil¹ com a contribuição de Eni Orlandi, Haquira Osakabe (ambos da Universidade Estadual de Campinas), entre outros.

Umberto Eco aproximou-se da Semiótica e do pragmatismo de Charles S. Peirce, transcendendo a análise do texto verbal para todo o tipo de texto – o verbal e o não-verbal. Todo *objeto* produzido na sociedade é um *objeto* para a análise semiótica.

É da teoria literária inglesa (F. R. Leavis, década de 30) que vieram Raymond Willians e Richard Hoggart, fundadores, nos anos 60, da corrente denominada Cultural Studies, do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade de Birmingham. Além dos dois já citados, Edward. P. Thompson e Stuart Hall também eram membros do grupo de pesquisadores que deu início aos Estudos Culturais. A cultura para eles é um conceito de convergência de abordagens antropológica e sociológica. A cultura como *espírito formador* e *ordem social global*, sistema de significações a partir do qual uma ordem social é comunicada, produzida, vivenciada. Essa combinação destacou o sujeito da comunicação como produtor de sentido, como

¹ Na França, depois da morte de Pêcheux pouco se faz referência a sua obra. A Análise do Discurso voltou-se à gramática em detrimento da História e do Sujeito. C.f. PIOVEZANI FILHO, Carlos. L'analyse du discours entre le Brésil et la France. Quelques rectifications épistémologiques. Actes de VIIIRJC ED 268 Langage et Langues. Paris III, mai/2005

leitor e elaborador de mensagens; dando destaque para a influência ao grupo cultural e ao meio no qual o sujeito está imerso, e, portanto, considerando-o como um ser pleno de relações.

A experiência de Williams com a alfabetização de trabalhadores adultos e a influência do pensador italiano Antonio Gramsci tiveram um peso especial na formulação do Cultural Studies. O *trabalho* não aparece como conceito, mas como problema e objeto empírico que merece ser estudado, por exemplo, os sujeitos trabalhadores. Neste sentido, há um avanço em relação às demais correntes, pois o conceito de cultura é pautado pela historicidade em conformidade com as diferentes maneiras de produzir a vida em sociedade. O trabalho é notado a partir dos sujeitos de pesquisa.

Essa corrente de pensamento influenciou a abordagem latino-americana da comunicação, representada por teóricos como Jesús Martín-Barbero e Néstor García-Canclini, dando relevância às pesquisas de recepção e ao conceito das mediações culturais. Essa abordagem desloca o interesse dos estudos da comunicação das tecnologias, dos veículos e das mensagens, para tratar das mediações, ou seja, o sujeito e seu meio cultural e social. É aí que acontece a comunicação. Não se trata de audiência, de pesquisa de opinião, de efeitos dos meios de comunicação, trata-se de criação, compreensão, apropriação, re-elaboração. O receptor, para usar conceitos da Análise do Discurso, é o enunciador/enunciatório das mensagens.

Outras correntes importantes têm enfoque na Psicologia e estão voltadas para o estudo da comunicação a partir das motivações, do funcionamento cognitivo, da dinâmica relacional, dos papéis sociais e dos rituais. O enfoque é eminentemente da comunicação inter-pessoal. A Escola de Palo Alto é expressão maior dessas correntes. Dortier afirma que:

“designa-se [Escola de Palo Alto] os autores agrupados em torno de Gregory Bateson, Paul Watzlawick e Edward T. Hall, interessados na comunicação inter-pessoal, na comunicação não-verbal e nas formas de comunicação patológica”.²

Como se vê a história do pensamento comunicacional é a história de uma série de correntes teóricas, com contribuições importantes, mas que não articulam o micro ao

² DORTIER, Jean-François. La communication : omniprésente, mais toujours imparfaite. In : CABIN, Philippe (coord.) **La communication et des savoirs**. Sciences Humaines, 1998. p.19 « on désigne ainsi les auteurs regroupés autour de Gregory Bateson, Paul Watzlawick et Edward T. Hall, qui se sont intéressés à la communication interpersonnelle, à la communication non verbale et aux formes de la communication pathologique. ».

macro-social à característica pluridisciplinar da comunicação e à sua multiplicidade de objetos de pesquisa.

Em 1985, Dominique Wolton³ escreveu um relatório sob encomenda do Centro Nacional de Pesquisa Científica – CNRS, da França, no qual afirmava que “uma política científica deveria ser impulsionada no setor”, mas ao mesmo tempo reconhecia que a comunicação “não pertence a um campo científico específico, é por natureza pluridisciplinar”. Ele afirmava ainda que o estudo da comunicação concerne a três grandes setores: neurociências, ciências cognitivas e ciências sociais, bem como a uma série de disciplinas tais como: filosofia, antropologia, sociologia, geografia, história, direito, ciências políticas, psicologia, lingüística e psicossociologia. O balanço e diagnóstico sobre os estudos na área, feito por Wolton, também comportavam indicações sobre os diferentes objetos de estudo da comunicação. Ele indicava ao menos sete abordagens para estudo: a primeira seria o que Wolton chamou de comunicação natural, intersubjetiva, entre seres humanos. A segunda seria a comunicação de massa, aquela feita pelos veículos de comunicação: a imprensa, a televisão, a publicidade. Outra seria o campo de estudo relativo à interculturalidade, ou as relações entre identidade e comunicação. Um outro seria o estudo dos efeitos sociais e da história das técnicas de comunicação como, por exemplo, o telefone, a informática, a televisão, a multimídia. Ele afirma ainda que certas questões relativas à comunicação são transversais, caso da retórica e da argumentação, da comunicação pública e comunicação institucional. Um último campo de estudo, para Dominique Wolton, seria o do funcionamento do espaço público e da comunicação política. Finalmente, ele vaticinava:

“a comunicação é um domínio no qual as resistências à análise são fortes, porque cada um já o crê conhecer. É um dos mais promissores canteiros econômicos, culturais e intelectuais do século que se aproxima”⁴.

Percebe-se o esforço de Woton em definir um campo de estudos, os objetivos teóricos e empíricos, mas percebe-se também o quão amplas são as balizas por ele desenhadas. Muito embora haja um esforço frenético no meio acadêmico em estreitá-

³ WOTON, Dominique. Les sciences de communication aujourd’hui. (Entretien) In : CABIN, P. (coord.) La communication etat des savoirs. Sciences Humaines. 1998, 49/50.

⁴ WOTON, D. Les sciences de communication aujourd’hui... op. cit. p.51.

las, o que se pode explicar recorrendo-se a Bourdieu⁵ e ao seu conceito de campo científico.

A abordagem ergológica

Propomos-nos a um estudo pluridisciplinar a partir da abordagem ergológica, ou seja, que prioriza como objeto de estudo a comunicação no mundo do trabalho, tomando o sujeito da comunicação como sujeito em atividade de trabalho. Esse desenho de estudo se constituiu porque as pesquisas de recepção da comunicação, a partir do mundo do trabalho, nos trouxeram uma série de novas questões relativas ao sujeito e à produção cultural. Mas a principal delas diz respeito à relevância que o mundo do trabalho tem para o sujeito no processo de recepção das mensagens. O mundo do trabalho aparece como lugar de mediação privilegiado e as relações de comunicação se dão de maneira especial. Estudar a comunicação no mundo do trabalho possibilita problematizar a relação do sujeito com sua atividade e com o microcosmo social que é o lugar de trabalho. Preocupação que não se enquadra como problemática da linha da comunicação organizacional. Nosso objetivo é estudar a comunicação a partir da mediação do mundo do trabalho e tentar uma síntese que considere a intrínseca relação entre estes dois conceitos, e diria a interdependência existente entre comunicação e trabalho.

A comunicação no mundo do trabalho

Estudar a comunicação no mundo do trabalho permite entender a partir de que valores as pessoas fazem suas escolhas; como se constituem os coletivos de trabalho que estão fora do enquadramento do organograma da empresa; como se constituem as redes de ajuda e solidariedade na resolução de problemas e tarefas. É, ainda, compreender como o mundo do trabalho transborda de seu meio e abarca outros espaços sociais, tais como a casa, o bairro, a mídia, etc.

Trabalhar é, todo o tempo, trabalhar junto. O outro esta presente seja como parceiro de trabalho, seja representado pelas normas e prescrições da hierarquia, seja pelo conhecimento técnico e tecnológico acumulado ou pela experiência registrada na linguagem. *Trabalhar é gerir o uso de si por si mesmo e de si pelo outro*, estabelecendo redes de comunicação, formando laços de confiabilidade, construindo valores.

⁵ C.f. BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.p.122-55.

Se trabalhar é sempre trabalhar com o outro e comunicar é relação, troca, re-elaboração, podemos afirmar que ambos, comunicação e trabalho, atuam na construção dos conjuntos de valores que se renovam ou se cristalizam a cada escolha feita, a cada decisão do uso de si por si mesmo. As pessoas, a todo o momento, fazem escolhas a partir das condições e dos valores que construíram ao longo de suas histórias de vida, nas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Elas criam suas redes de relações e se apropriam dos discursos que circulam no meio de trabalho delas e na sociedade.

Nas palavras de Schwartz:

“[Os outros] Eles estão presentes em você, eles estão presentes na intimidade de suas escolhas e por conseqüência há uma dialética muito profunda não constitutiva de você, mas que trabalha profundamente em você por você mesmo, desta maneira, escolhendo tal ou qual procedimento ou modalidade de ação, você escolhe, de uma certa maneira, a relação com os outros ou o mundo no qual você quer viver.”⁶

A abordagem ergológica de comunicação e trabalho destaca a relação dialética existente entre o micro e o macro-social. Esta perspectiva teórica propicia entender o trabalho em acepção ampla – como atividade humana – permite ao trabalhador e, portanto, ao sujeito ser de comunicação, ocupar o lugar que ele merece nas pesquisas. Nem superestimando suas potencialidades, nem o relegando à condição de massa de manobra, a ser enquadrado pela retórica seja das empresas onde trabalha, seja dos meios de comunicação dos quais se serve.

Comunicação e trabalho como binômio possibilita estudos principalmente em dois eixos ou programas de pesquisa:

- a) com o objetivo de melhor conhecer a atividade de trabalho, portanto, o mundo do trabalho; e
- b) melhor entender as relações de comunicação, o processo de comunicação, os sujeitos (*corpo-si*) da comunicação.

A dimensão de comunicação e trabalho como atividade humana singular, resultada de um processo dinâmico na ontogênese e na filogênese da história, requer que

⁶ Schwartz, Y. Travail et ergologie. Entretiens...op. cit. p.188. “Ils sont présents en vous, ils sont présents dans l'intimité de vos choix et par conséquent il y a une dialectique très profonde non pas constitutive de vous, mais qui vous travail profondément vous-même, dans cette façon dont, en choisissant telle ou telle procédure ou modalité d'action, vous choisissez d'une certaine manière le rapport aux autres, ou le monde dans lequel vous voulez vivre, d'une certaine manière. ».

nos coloquemos diante da realidade a conhecer de uma maneira mais aberta e menos pretenciosa.

A abordagem ergológica quer destacar a complexidade existente na atividade humana para, no exercício do conhecimento, manter-se coerente e consciente da imensurabilidade e ineditismo do real, cujo conhecimento está sempre em processo. E, por outro lado, trazer à cena o quanto é redutora e dogmática a visão funcional que se tem da atividade de trabalho.

O conhecimento do ponto de vista da abordagem ergológica é um exercício no qual se problematizam os conceitos, friccionando-os na dimensão da experiência, no confronto da norma prescrita e da re-normalização. A Ergologia convoca diferentes disciplinas para refletir sobre o trabalho como atividade humana. Ao propor-se como uma abordagem que estuda a atividade humana, a Ergologia convoca também, um segundo eixo, o qual denomina de saberes investidos, formulados a partir da experiência, ou seja, a força de um saber específico que demanda sobre os problemas da realidade. E ainda convoca um terceiro eixo que é o do desconforto intelectual, aquele do questionamento, da fricção entre os valores e do diálogo entre os conceitos epistêmicos das disciplinas constituídas e da experiência dos saberes investidos. À relação entre estes eixos, Schwartz denomina de *Dispositivo dinâmico em três pólos*. O encontro entre eles permite problematizar e conhecer, mesmo que sempre de maneira parcial⁷, a complexidade da atividade humana e, nesse sentido, a atividade de trabalho.

Portanto, a Ergologia não reivindica um *status* de ciência, mas o de abordagem teórico-prática capaz de problematizar a complexidade da atividade humana e distinguir os diferentes fatores pertinentes a ela. Propõe uma postura epistemológica que coloca em fricção os conceitos das disciplinas científicas (abstratos, não-aderentes) com os conceitos da experiência (da vida, aderentes)⁸.

Se aplicarmos ao nosso objeto de estudo o Dispositivo Dinâmico em três pólos da abordagem ergológica, representando-o no esquema de Schwartz, adaptado por Durrive⁹, teremos em termos do nosso objeto de pesquisa a representação que segue:

⁷ É importante esclarecer que a parcialidade do conhecimento sobre a atividade humana diz respeito ao ineditismo sempre presente na ação do sujeito; diferentemente da abstração da linguagem matemática, por exemplo.

⁸ SCHWARTZ trata dessa questão como epistemologia/ergologia, ou seja, a atividade é a baliza para o re-trabalho dos conceitos.

⁹ SCHWARTZ, Y, DURRIVE, L. Travail et ergologie. Op. cit... p. 269.

DISPOSITIVO DINÂMICO EM TRÊS PÓLOS

Eixo A

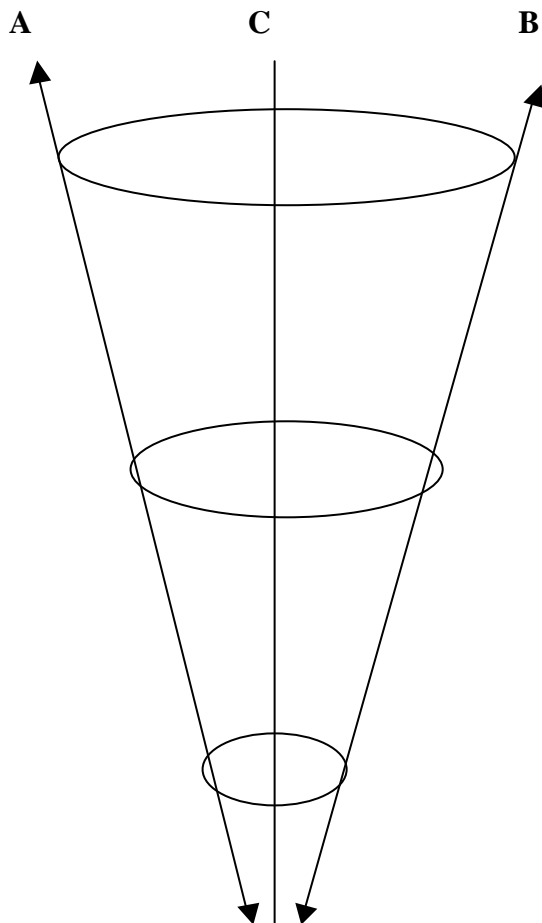
Saberes e valores
construídos no universo
científico (*savoir institué*)
(Teorias da Comunicação
e outras disciplinas)

Eixo B

Saberes e valores da
experiência, adquiridos na
atividade.
(*savoir investi*)

Eixo C – Pólo do questionamento

Exercício do socratismo (perguntas e respostas) em duplo sentido



Nos Estudos de Recepção:

Em nossa aplicação, no eixo **A** estão os conhecimentos constituídos no campo da comunicação e de outras disciplinas: a filosofia, a psicologia, a sociologia, a antropologia, a lingüística, e que permitem dar forma ao que denominamos de Estudos de Recepção.

No eixo **B**, temos a atividade concreta de emissão/recepção que todo sujeito faz ao se relacionar com outros, no caso, os discursos que circulam no mundo do trabalho (da empresa, dos sindicatos, dos colegas de trabalho, etc.). É sempre específica e imensurável.

No eixo **C**, temos a formulação do processo de comunicação no mundo do trabalho como um objeto empírico, formulado a partir de questionamentos originados do desconforto intelectual e que se coloca como conhecimento a ser construído na relação entre os diferentes pólos.

A imagem do cone em espiral quer representar a relação micro/macro-social que toda a abordagem da atividade comporta. Bem como o exercício do questionamento em duplo sentido, que tensionando os conceitos, (epistemologia/ergologia) possibilita a renovação do conhecimento.

Nas relações de comunicação nas empresas

O Dispositivo dinâmico em três pólos da abordagem ergológica aplicado às relações de comunicação no mundo do trabalho pode ser identificado como:

Eixo A : normas, prescrições e discursos da Organização;

Eixo B: saber investido, cultura real dos sujeitos (*corpo-si*) que estão em atividade de trabalho;

Eixo C: questionamento de como fazer melhor em benefício da vida, da saúde física, mental e emocional; e do viver bem em conjunto.

Esse esquema ajuda a visualizar o papel que os responsáveis pela comunicação nas organizações (quaisquer que sejam elas) podem desempenhar ao tomarem para si a responsabilidade de aplicar esse dispositivo. A construção de um saber que leve em consideração a atividade humana de trabalho permite reformular os saberes constituídos e renová-los por meio do questionamento que tem por princípio valorizar e priorizar o pólo da atividade como fonte de possibilidades.

Cabe ressaltar que a proposição da abordagem ergológica do Dispositivo Dinâmico em três pólos é bastante diferente do proposto por Habermas a partir dos conceitos de ação comunicativa e razão comunicativa. A negociação de definições comuns, tendo a linguagem como meio de inter-compreensão, como propõe Habermas, parece muito débil e insuficientemente dialética, afirma Schwartz¹⁰, à medida que o pensador alemão desconsidera a atividade humana de trabalho, e remete ao diálogo duas esferas, a do mundo vivido e a do sistema, sem considerar a relação entre atividade, saber (normas) e valores.

O Dispositivo Dinâmico em três pólos permite, pela força do questionamento, confrontar a norma e a experiência pela atividade de trabalho, revelando os conflitos e as contradições sociais e, principalmente, a potencialidade de transformação do sujeito (*corpo-si*). Essa proposta permite ainda articular a dialética do micro ao macro-social. Dá condições de se compreender como as transformações no mundo do trabalho se articulam com os valores e as normas sociais, e como a realidade do mundo do trabalho transborda para outras instituições e grupos sociais.

¹⁰ SCHWARTZ, Y. Le paradigme..... op. cit. p. 84.

Bibliografia:

- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- CABIN, Philippe. (coord.) **La communication**. Etat des savoirs. Editions Sciences Humanes, 1998.
- CANGUILHEM, G. Milieu et norme de l'homme au travail. **Cahiers Internationaux de Sociologie**. Vol. III, 2.anné, France, 1947.
- _____. **Normal e patológico**. 6.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- DEFLEUR, M., BALL-ROKEACH, S. **Teorias da comunicação de massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- DORTIER, Jean-François. **La communication**: omniprésente, mais toujours imparfaite. In: CABIN, Philippe. (coord.) **La communication**. Etat des savoirs. Sciences Humanes, 1998. p.1-19.
- _____. (coord.) **Le langage**. Nature, histoire et usage. Sciences Humaines.France, 2001.
- DURAFFOURG, Jacques. Le travail et le point de vie de l'activité. In: Schwartz, Y, Durive, L. **Travail et ergologie**. Entretiens sur l'activité humaine. Toulouse: Octares, 2003. p. 31-68.
- EFROS, Dominique. **Travail, guerre et relations sociales**. La participation salariée a une entreprise: entre technique de gestion, utopie et engagement de soi. These doctoral. Université Paris X, Nanterre, 2002.
- FAÏTA, Daniel. Le langage comme activité. In: Schwartz, Y; Durive, L. **Travail et ergologie**. Entretiens sur l'activité humaine. Toulouse: Octares, 2003, p.159-184.
- _____. Communication et modernisation à l'entreprise. **Société Française**. N.37, oct/nov/dec, 1990. p. 26-29.
- FÍGARO PAULINO, Roseli A. **Comunicação e Trabalho**. Estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação. São Paulo: Anita/Fapesp, 2001.
- _____. *Crítica à ação comunicativa e à razão comunicativa*: para entender a comunicação no mundo do trabalho. **Epític - Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información Y comunicación**. , v.VI, n.n. 2, p.54 - 64, 2004
- _____. (org.) **Gestão da comunicação no mundo do trabalho, educação, terceiro setor e cooperativismo**. São Paulo: Atlas, 2005a.
- _____. *O desafio teórico-metodológico nas pesquisas de recepção*. **Revista e-compós** - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. ago/2005b.
- GRAMSCI, Antônio. **Obras escolhidas**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- GRAMSCI, Antônio. **Escritos políticos**. Lisboa: [s.n.], 1977.
- HABERMAS, J. **Teoría de la acción comunicativa (I e II)**. Madrid: Taurus, 1999.
- _____. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidade e mediações culturais. SOVIK, Liv (org.).Belo Horizonte/Brasília: UFMG/Hitas/Unesco, 2003.
- LACOSTE, Michele. Le langage et la structuration des collectifs. In: BENCHEKROUN, T. H., WEIL-FASSINA, A. **Le travail collectif**. Perspectives actuelles en ergonomie. Toulouse: Octares, 2000. p.55-70.
- LEONTIEV, A. **Le développement du psychisme**. Paris :Editions Sociales, 1976.
- LEOROI-GOURHAN, A. **Mécanique vivante**. Le crâne des vertébrés du poisson à l'homme. Paris : Fayard, 1983.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. 3. ed. México: G. Gilli, 1993.
- MORAES, Dênis. (org.) **Globalização, mídia e cultura contemporânea**. São Paulo: Letra Livre, 1997.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massa no século XX**. Vol.1 Neurose. 9.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso** – Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Edunicamp, 1988.
- SCHAFF, Adam. **Linguagem e conhecimento**. Coimbra: Almedina, 1976.
- _____. **O marxismo e o indivíduo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- SCHWARTZ, Yves. **Expérience et connaissance du travail**. Paris: Messidor/Éditions sociales, 1988.
- _____. **Travail et Philosophie**. Convocations mutuelles.2.ed. Toulouse: Octares, 1994.
- _____. **Reconnaissance du travail**. Pour une approche ergologique. Paris: PUFF, 1997.
- _____. *Discipline episthémique, discipline ergologique*. Paideia et politeia. In: MAGGI, Bruno. **Manière de penser, manière d’agir en éducation et en formation**. Paris: Puf. 2000, p. 33-68.
- _____. **Le paradigme ergologique ou un métier de Philosophe**. Toulouse: Octares, 2000.
- _____. *Trabalho e uso de si*. **Pro-Posições**. Revista da Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas: Letras&Letras/UNICAMP, vol.11, n. 2(32), jul/2000. p. 34-50.
- _____ et DURRIVE, Louis. **Travail et ergologie**. Entretiens sur l’activité humaine. Toulouse: Octares, 2003.
- SOUZA E SILVA, Maria Cecília P.; FAÏTA, Daniel. **Linguagem e trabalho**. Construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002.
- VYGOTSKI, L.S. **Pensamento e linguagem**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 2. ed. Lisboa: Presença, 1992.
- WOLTON, Dominique. Les sciences de communication aujourd’hui. CABIN, Philippe. (coord.) **La communication**. Etat des savoirs. Editions Sciences Humaines, 1998. p. 49-54.